

LUIZA FALCO LEMOS NARDI

Envelhecimento e velhice: uma leitura Psicanalítica sobre o filme Tomates Verdes Fritos

Uberlândia

2022

LUIZA FALCO LEMOS NARDI

Envelhecimento e velhice: uma leitura Psicanalítica sobre o filme Tomates Verdes Fritos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Lucianne Sant'Anna de Menezes

Uberlândia

2022

LUIZA FALCO LEMOS NARDI

Envelhecimento e velhice: uma leitura Psicanalítica sobre o filme Tomates Verdes Fritos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lucianne Sant'Anna de Menezes

Banca Examinadora

Uberlândia, 11 de agosto de 2022

Profa. Dra. Lucianne Sant'Anna de Menezes
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Profa. Dra. Anamaria Silva Neves
Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG

Esp. Débora Alves Duarte
Centro Universitário do Triângulo Mineiro – Uberlândia, MG

RESUMO

Nardi, L. F. L. (2022) *Envelhecimento e velhice: uma leitura Psicanalítica sobre o filme Tomates Verdes Fritos* (Trabalho de Conclusão de Curso). Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil.

Velhice e envelhecimento são comumente tidos como sinônimos, porém é importante diferenciá-los. A última etapa da vida do sujeito é nomeada como velhice, sendo o envelhecimento o processo até a chegada dessa etapa final. Com a transição demográfica, a população idosa, que antes era minoria, tornou-se maioria, exigindo um olhar atento sobre a subjetividade, os processos de envelhecimento e a relação desses indivíduos com a sociedade. Esta pesquisa tem o objetivo geral de investigar como a psicanálise pode colaborar na compreensão do envelhecimento, a partir do filme *Tomates Verdes Fritos*, e como objetivo específico, articular o corpo envelhecido e a noção freudiana de desamparo. Para tanto, procuramos estabelecer um diálogo na interface psicanálise e cultura, na dimensão de extensão do método psicanalítico, proposto por Freud, como psicanálise aplicada, a partir de levantamento bibliográfico e o filme escolhido. O material selecionado para o estudo foi submetido à análise de conteúdo, orientada pela escuta e transferência instrumentalizada do pesquisador em relação ao material. A análise demonstrou a importância de olhar não para o idoso, mas para o sujeito do envelhecimento e a possibilidade de um trabalho analítico. Tendo em vista que o objeto de estudo da psicanálise é o inconsciente e ele é atemporal, o sujeito da velhice é aquele que tem seu corpo degenerado pelo tempo, mas as pulsões continuam ativas. Apesar do corpo envelhecido, o desejo não envelhece.

Palavras-Chave: Psicanálise extensa; filme *Tomates Verdes Fritos*; velhice; envelhecimento; desamparo.

ABSTRACT

Nardi, L. F. L. (2022) *Ging and old age: a psychoanalytic reading about the film Fried Green Tomatoes* (Completion of Course Work). Institute of Psychology at the Federal University of Uberlândia, Uberlândia, MG, Brazil.

Old age and aging are commonly seen as synonyms, but it is important to differentiate them. The last stage of the subject's life is called old age, with aging being the process until the arrival of this final stage. With the demographic transition, the elderly population, which was previously a minority, has become the majority, requiring a close look at subjectivity, aging processes and the relationship of these individuals with society. This research has the general objective of investigating how psychoanalysis can collaborate in the understanding of aging, based on the film *Fried Green Tomatoes*, and as a specific objective, to articulate the aged body and the Freudian notion of helplessness. Therefore, we seek to establish a dialogue in the psychoanalysis and culture interface, in the extension dimension of the psychoanalytic method, proposed by Freud, as applied psychoanalysis, based on a bibliographic survey and the chosen film. The material selected for the study was submitted to content analysis, guided by listening and instrumentalized transfer of the researcher in relation to the material. The analysis demonstrated the importance of looking not at the elderly, but at the aging subject and the possibility of an analytical work. Considering that the object of study of psychoanalysis is the unconscious and it is timeless, the subject of old age is the one who has his body degenerated by time, but the drives remain active. Despite the aged body, desire does not age.

Key words: Extensive psychoanalysis; film *Fried Green Tomatoes*; old age; aging; helplessness.

SUMÁRIO

Considerações Iniciais.....	5
1. Um recorte do Filme Tomates Verdes Fritos.....	10
2. Velhice, Envelhescência e Envelhecimento	14
3. A ótica da psicanálise sobre o processo de tornar-se velho.....	17
4. O sofrimento diante do envelhecimento	21
Considerações Finais.....	26
Referências	29

Considerações Iniciais

Durante toda a minha graduação em Psicologia, surgiram questionamentos e cobranças sobre qual abordagem eu deveria trabalhar e desse modo, dedicar exclusivamente meus estudos. A fim de encontrar uma abordagem com a qual me identificasse, experimentei de tudo um pouco e de diferentes maneiras, tanto em terapia pessoal como em cursos extracurriculares e até mesmo em leituras investigativas, fora do que era proposto pela graduação. Porém, eu sentia que nada verdadeiramente capturava meu desejo. Dentre tantas incursões teóricas, a única certeza que eu tinha era que jamais estudaria psicanálise. Entretanto, ao começar um novo período, eu me desfazia dos materiais de todas as disciplinas já estudadas e guardava os textos e resumos de psicanálise, ‘caso um dia eu precisasse’ (ah, o inconsciente!).

No começo da pandemia, minha psicóloga gestáltica suspendeu seus atendimentos. A demanda que eu sentia por fazer terapia, persistiu e em algumas conversas com um amigo que fazia análise, surge um interesse por procurar esse tipo de terapia para mim. Percebia que havia questões que, por mais que fossem discutidas nos meus processos terapêuticos ao longo dos anos, não saiam do lugar e eu senti que talvez fosse o momento de buscar algo diferente. Acredito que tais questões só poderiam ser tratadas a partir de um outro lugar, o inconsciente. Desse modo, com pouco tempo de análise, percebi mudanças sutis nos meus posicionamentos, dentre eles, o que eu queria para a minha vida acadêmica e profissional: foram necessárias poucas semanas de análise para perceber o que eu já sabia desde o início da faculdade, apesar das resistências, medos e inseguranças, seguir estudando e me aprofundando na psicanálise era verdadeiramente meu desejo enquanto profissional.

Sendo assim, aos poucos a psicanálise foi fazendo cada vez mais parte da minha vida, da minha maneira de olhar e escutar o mundo ao meu redor. Adentrei em um processo de busca contínua: cursos, livros e textos, professores, pessoas com quem eu pudesse conversar sobre psicanálise e manter em movimento meu desejo. Frente a necessidade de dedicar-me ao trabalho

de conclusão de curso, estabeleci que trabalharia com a psicanálise. Dado isso, busquei por professores que pudessem me orientar nessa abordagem durante a confecção do trabalho. Logo em nossa primeira conversa, a Lucianne me questionou sobre meus interesses. Para mim, o envelhecimento sempre foi um ponto de questionamento, como também fonte de certa angústia. A cada aniversário de meus pais, era acometida por um sofrimento ao pensar que tinha se passado mais um ano, seguindo a lógica de que um ano a mais também equivaleria a um ano a menos, a velhice para eles se aproximava cada vez mais. Considerava a velhice de maneira muito negativa, e me pegava buscando alternativas para que eu pudesse de alguma maneira libertá-los desse ‘fardo’ do envelhecimento que eu tinha em mente.

Concomitantemente, permaneci aprofundando minhas investigações na teoria psicanalítica, sendo uma das conceituações que tenho mais apreço a ideia de um “sujeito do inconsciente”, sendo este atemporal. Dessa forma, a psicanálise me ofereceu um acalento na medida em que passei a considerar os desejos, os sintomas, os traços da personalidade enquanto partes do sujeito que continuam vivas, intensas e pulsando, independente das marcas do envelhecimento e de uma idade cronológica. Nos meus estudos sobre o tema, formulei alguns questionamentos, sendo eles: *O que pode ser feito frente a esse corpo que envelhece, mas os desejos continuam vivos? Como a psicanálise pode ajudar a compreender este processo? Como lidar com o desamparo ao olhar a aproximação do fim da vida?*

Aliando-se a essas questões profundamente atreladas a minha vivência subjetiva, percebi algumas questões que me faziam querer ir além e aprofundar um pouco mais sobre o tema. Sendo uma delas, o fato da transição demográfica que se iniciou em 1960, cuja tendência é o envelhecimento da maior porção de nossa sociedade (Altman, 2011), havendo uma alteração nas proporções que anteriormente eram de uma população predominantemente jovem, mas que desde então tem-se tornado uma população envelhecida. Tal transição está associada a diferentes fatores, por um lado devemos considerar o aumento da expectativa de vida causado

por estilos de vida mais saudáveis, aprimoramento no controle de doenças infecciosas, saneamento básico bem como avanços na ciência, tecnologia e medicina (Papalia & Feldman, 2009). Por outro lado, temos famílias que apresentam em sua constituição cada vez menos filhos, devido a um substancial declínio na taxa de fertilidade. Somando-se os fatos, temos que os idosos estão se tornando, aos poucos, a maior parcela da população (Altman, 2011).

Tal característica por si só é representante da relevância do presente trabalho, porém, com o intuito de demonstrar alguns pontos nevrálgicos do lugar do idoso em nossa cultura, faz-se necessário citar também que o fato das estruturas familiares serem menores do que antigamente culmina em uma considerável redução na rede de apoio ao idoso, cuja diminuição dos familiares implica em menos cuidadores disponíveis (Papalia & Feldman, 2009). O contato restrito com essa rede de apoio, pode ocasionar sentimentos de solidão e desamparo, bem como apatia, intensificados a nível global no período de isolamento social devido a pandemia do coronavírus.

Desse modo, é importante destacar a marginalização do idoso, vigente nas ações do (des)governo atual, cujas falas do ministro da economia denunciam a valorização da balança econômica em detrimento ao direito à vida pelos idosos. Em abril de 2021, o Ministro da Economia, Paulo Guedes, alegou que o Estado não pode bancar o aumento da expectativa de vida para que as pessoas continuem vivendo por “100, 120, 130 anos”. O teor da fala refere-se a um discurso atual — modulado pela lógica do capitalismo neoliberal, cujo caráter de obsolescência dos objetos é estendido à esfera pessoal, reduzindo vidas a sua condição produtiva e evidenciando os preconceitos sociais sobre a questão da velhice, principalmente a ideia de que o indivíduo na velhice é descartável, uma fase que não merece ser vivida.

Nesse contexto, o objetivo geral deste trabalho foi investigar como a psicanálise pode colaborar na compreensão do envelhecimento, a partir do filme *Tomates Verdes Fritos*. E em

decorrência disso, o objetivo específico foi articular corpo envelhecido e a noção freudiana de desamparo.

Trata-se de uma pesquisa psicanalítica (Freud, 1919, 1925[1924], Rosa, 2004), na dimensão de extensão do método psicanalítico, proposta por Freud (1917, 1926, 1926a), como “psicanálise aplicada”, em que ele mostra que a teoria psicanalítica não se reduz à prática terapêutica e tampouco à psicologia individual, mas que a ciência da Psicanálise pode ser extensiva à cultura, à literatura, aos mitos, à arte e à religião, dentre outras áreas do conhecimento. Segundo Irribary (2003), a particularidade do método psicanalítico de pesquisa está ligada à condição de seu objeto de estudo ser o inconsciente que está presente em toda manifestação humana, assim sendo, sua investigação, não se restringe ao espaço do tratamento psicanalítico (Laplanche, 1992; Rosa & Domingues, 2010; Herrmann, 2005).

Os objetivos de uma pesquisa psicanalítica envolvem problematizar aspectos do campo psicanalítico e se dispor a uma discussão que não se restrinja à confirmação de teorias pré-existentes, mas que coloquem a trabalho todos os envolvidos (Irribary, 2003). Dessa maneira, o pesquisador em psicanálise é considerado como o primeiro sujeito de sua pesquisa, pois, é impossível separar o pesquisador de suas vias e meios para dizer daquilo que ele interpreta. Nesse sentido, o material selecionado para o estudo foi submetido à análise de conteúdo, orientada pela escuta e transferência instrumentalizada do pesquisador em relação ao texto escrito, bem como a textos de Freud que tratam do tema recortado para o estudo, de modo que os resultados foram remetidos aos objetivos, visando considerações finais.

Para levar a cabo esta proposta, foi realizado um levantamento bibliográfico no período de 2005 a 2021, no idioma português, nas bases de dados *Scielo*, *Pepsic*, *BVS-Lilacs*, *Psycinfo* e no portal de Teses e Dissertações da USP, da UFRJ, Unicamp, CNPQ-Capes e UFU, a partir do cruzamento variado dos seguintes descritores: velhice; envelhecimento; psicanálise; terceira idade; corpo; morte. Foram encontrados 24 artigos e 5 Dissertações, dos quais 7 artigos foram

selecionados para o presente estudo por se alinharem aos interesses desta pesquisa e atenderem aos seguintes critérios de inclusão: utilizar a abordagem psicanalítica; utilizar como bibliografia textos fundamentais da obra freudiana; trabalhar a temática do mal-estar, do desamparo e do luto.

Os 7 artigos separados foram: *A sombra de um corpo que se anuncia: corpo, imagem e envelhecimento* (Vilhena, Novaes & Rosa, 2014); *A Velhice e a Morte: reflexões sobre o processo de luto* (Cocentino & Viana, 2011); *Corpo e envelhecimento: uma perspectiva psicanalítica* (Cherix, 2015); *O conceito de velhice: da gerontologia à psicopatologia fundamental* (Soares, 2005); *O envelhecimento à luz da psicanálise* (Altman, 2011); *O silenciamento da velhice: apagamento social e processos de subjetivação* (Rosa e Vilhena, 2016); *Desenvolvimento humano* (Papalia & Feldman, 2009).

Também foram utilizados os livros “*A clínica psicanalítica o envelhecimento e suas particularidades*” de José Maurício da Silva, “*O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*” de Ângela Mucida, “*Psicopatologia Fundamental*” de Manoel Berlinck, “*Desamparo*”, e a tese “*Um olhar psicanalítico sobre a precarização do trabalho: desamparo, pulsão de domínio e servidão*”, ambos de Lucianne de Menezes, importantes no tratamento do objeto recortado para o estudo.

Durante a pesquisa, foi mantido em nosso horizonte a velhice na sua dimensão biopsicossocial, o que permite perceber que o envelhecimento é “complexo, dinâmico e idiossincrático, daí os indivíduos não envelhecerem todos da mesma forma” (Rosa & Vilhena, 2016, p.12). Nesse sentido, é preciso abordar aspectos biológicos, psicológicos, mas também aspectos de nossa cultura, considerando a existência não uma velhice universal, mas de velhices enquanto formas de cada um vivenciar seu envelhecimento. Justamente por haver me tocado no que diz respeito a uma forma diferente de vivenciar o envelhecimento para além das

mudanças físicas, escolhi o filme *Tomates Verdes Fritos* para análise das questões do envelhecimento.

A monografia foi dividida em 4 capítulos e considerações finais. Na primeira parte, buscamos trazer recortes do filme escolhido para ilustrar o envelhecimento de Evelyn e seus entraves, procurando articular com a teoria psicanalítica, levantando as questões fundamentais deste estudo.

No segundo capítulo, mostramos a diferença entre velhice e envelhecimento, apontamos o que é a envelhescência, bem como fazemos discussões sobre esses conceitos e nomeamos o sujeito da velhice. Na sequência, trazemos textos de Freud em que ele cita a velhice e a dificuldade de analisar esses sujeitos, como também o que os autores atuais apontam sobre o tema e a possibilidade de um trabalho com idosos. No último capítulo, abordamos a noção de desamparo, para Freud, e suas relações com as transformações da angústia, procurando articular com o mal-estar na cultura e o envelhecimento. E por fim, considerações finais.

Convidamos o leitor a nos acompanhar nesse caminho pelo envelhecimento.

1. Um recorte do Filme Tomates Verdes Fritos

Lançado no ano de 1991 e dirigido por Jon Avnet, o filme *Tomates Verdes Fritos* é baseado no romance de Fannie Flagg (*Tomates Verdes Fritos no Café da Parada do Apito*), e conta a história de Ruth Jamison (Mary-Louise Parker) e Igdie Threadgoode (Mary Stuart Masterson), duas mulheres que viveram entre a Primeira Guerra Mundial e a Grande Depressão nos Estados Unidos. Essa história é contada por uma idosa, Ninny Threadgoode (Jessica Tandy), institucionalizada em um asilo em 1980, para sua nova amiga Evelyn Couch (Kathy Bates).

Evelyn Couch, uma mulher de quarenta e oito anos está se deparando com a chamada crise da meia-idade, termo cunhado pelo psicanalista canadense Elliott Jaques, que compreende

o período estressante de reavaliação da própria vida, desencadeado principalmente pela maior consciência da mortalidade (Papalia & Feldman, 2009). Ela é uma dona de casa que sempre viveu em função de cumprir os papéis impostos socialmente à mulher: a maternidade e o casamento. Contudo, encontra-se desgostosa com seu casamento devido à falta de atenção de Ed (Gailard Sartain), seu marido, que parece não notar seus esforços em manter o matrimônio. Toda semana o casal visita uma tia de Ed em uma casa de repouso, no estado do Alabama. Entretanto, ela não permite que Evelyn entre em seu quarto e assim, ela sempre aguarda o marido na recepção.

Em uma dessas semanas, enquanto espera Ed, uma gentil idosa institucionalizada de 82 anos, Ninny Threadgoode, se senta com Evelyn, e começa a contar-lhe uma história que se passou nos anos de 1920 também no Alabama. Durante as visitas, nas semanas que se seguem, ela continua a narrativa e relata sobre Idgie, que após a morte do seu querido irmão, se isolou e só conseguia conversar com a ex-namorada dele, Ruth Jamison. Independente, destoava dos padrões femininos da época, e com personalidade forte, administrava uma lanchonete em *Whistle Stop* (Parada do Apito), cuja especialidade eram tomates verdes fritos fresquinhos.

A partir da história mencionada por Ninny, que chama muita atenção de Evelyn, cinquenta e seis anos depois, os encontros semanais vão se tornando muito especiais para ambas as personagens. Ninny encontra em Evelyn uma rede de apoio, na mesma medida em que Evelyn consegue articular sua própria experiência a partir da história que vai lhe sendo contada. Essa subtrama é de especial interesse para o trabalho pois apresenta as primeiras mudanças tanto físicas quanto psicológicas, que apontam para o envelhecimento, como as ondas de calor, o não reconhecimento da própria imagem e a reavaliação da vida de Evelyn.

A Evelyn do início, insatisfeita com o modo com que seu marido vinha agindo nos últimos tempos, frequentava um grupo de mulheres em busca de maior satisfação no casamento e prazer feminino. Ela, notoriamente, não se sente confortável nas aulas, mas todos os dias,

espera que algo diferente aconteça quando chegar em casa. Ao não ser vista mais uma vez pelo marido, ela argumenta:

“- Ed, essas aulas que eu tenho ido duram muito tempo e não nos ajudam em nada. Vamos para Flórida, como quando nos casamos. Nosso filho foi cuidar da vida dele, vamos ser só nós dois!”

O marido rebate:

“-Bom, querida. Somos só nós dois aqui, agora.” e logo muda o assunto:

“-Deu uma boa torrada de frango. Digo, está bom demais.”

Ela tenta novamente, enquanto faz carinho em suas costas:

“-Podíamos alugar um barco e ficar à toa sob o sol quente. O que acha disso?”

“-Bom, eu já me acostumei com a tranquilidade daqui. Querida, se essas aulas não estão ajudando, não vá mais.” E ela olha desacreditada e frustrada para ele.

Na visita, Evelyn mostra seu descontentamento para Ninny:

“- Eu ando tão desanimada, tão sem forças. Eu não consigo parar de comer, todos os dias eu tento e todos os dias eu falho. Queria ter coragem de continuar e ficar bem gorda. (...) Eu nem consigo mais olhar para a minha vagina.” O sofrimento de Evelyn revela o sentimento de desamparo que, no contexto do *Mal-estar na civilização* (1930/2010), Freud aponta como a essência do mal-estar. *Como Evelyn enfrenta o desamparo?*

Na sequência Evelyn diz: “-*Eu sou jovem demais pra ser velha e velha demais pra ser jovem. Eu acho que estou ficando maluca.*” Aqui é possível perceber como o desejo continua vivo em um inconsciente que é atemporal. Evelyn percebe que, por mais que esteja passando pelos sinais do envelhecimento, seus desejos não envelhecem.

Ninny logo entende o que está havendo e questiona:

“-Você sente ondas de calor? Começa a suar e seu coração acelera?”

“-Como sabe?”

“- É simples, querida. Está entrando na menopausa. Vai se acostumar a ficar aos prantos sem nenhum motivo. Você só precisa tomar hormônios e algumas vitaminas. E então saia de casa e arrume um emprego. Pelo seu aspecto, aposto que se dará bem com cosméticos.”

Evelyn prontamente escuta os conselhos de sua amiga e inicia sua carreira como vendedora, o que a fez sentir-se viva e produtiva novamente. *Qual seria então, sua posição frente ao envelhecimento?*

A partir das trocas com Ninny Threadgoode, principalmente no que tange às mudanças proporcionadas pelo envelhecimento, Evelyn pôde conhecer mais sobre si. Ninny também parece se beneficiar da amizade construída com Evelyn. No contato entre as personagens podemos entrever que, em alguns momentos, Ninny assume um lugar de sabedoria. Portanto, é valorizado seu saber como pessoa idosa. Ela representa uma posição saudável no processo de envelhecimento. Ninny, já com 82 anos, passou pelas mudanças que Evelyn está passando e assim, consegue ajudá-la com os seus conhecimentos e experiência.

A partir disso, ao final da trama, ela rebate para o marido:

“-Tem alguma ideia de porque eu ia nessas aulas? Para salvar o nosso casamento. Mas pra que fazer isso se você vai continuar sentado no sofá assistindo seus jogos de beisebol?”.

Ela pede para que Ninny vá morar com eles, e o marido nega. Mas logo, ela argumenta:

“-Alguém pôs um espelho no meu rosto e eu não gostei do que vi, e sabe o que eu fiz? Eu mudei. Quem me mostrou foi a senhora Threadgoode. Eu quero dar a ela o amor que ela tem me dado.” E assim, banca seu desejo e convida Ninny a se juntar a eles.

A mudança é tal que temos duas Evelyns marcadamente distintas. A Evelyn do início da história, em uma posição mais passiva, amedrontada com a morte, com o que as pessoas pensam dela, com medo de tentar coisas novas, se desdobrando em mil para agradar ao marido ou a sociedade, mas deixando-se de lado. E a Evelyn ao final, que parece agir em conformidade com seu desejo que continua pulsante, fazendo novas empreitadas e encontrando no seu

envelhecimento uma possibilidade de finalmente viver. *Seria essa posição de Evelyn, uma espécie de enfrentamento da angústia de morte e assunção de uma posição envelhescente?*

2. Velhice, Envelhescência e Envelhecimento

Primeiramente, é importante distinguir os conceitos de velhice e envelhecimento, que muitas vezes são tomados como sinônimos. Entretanto, a compreensão do envelhecimento e da velhice consiste em diferentes pontos: envelhecer faz parte de um processo indissociável da condição humana. Silva (2017, p. 11) diz que o envelhecimento é “um encontro de um corpo que se fragiliza com uma instância que não envelhece.” Já a velhice é considerada uma fase, a etapa final do ciclo da vida, uma condição do idoso que sofreu inevitavelmente com o processo de envelhecimento.

Pelos padrões da ciência temos dois campos bem definidos que abordam a velhice, são elas: o campo da senescência abrange o processo do envelhecimento, as modificações físicas e intelectuais próprias desse processo; e o campo da senilidade, que é de ordem patológica compreendendo as doenças como um aspecto intrínseco à própria velhice (Soares, 2005). Porém, como se trata de uma pesquisa com olhar psicanalítico, surge um primeiro impasse: *como definir o sujeito da velhice? Como esse sujeito que está envelhecendo se coloca frente ao desamparo, ao sofrimento da decrepitude do próprio corpo?*

Certamente o sujeito da psicanálise não é aquele puramente biológico, restrito a um corpo e sua degeneração, como também não é o sujeito da patologia, cuja vida é classificada em termos de presença ou ausência de doença. O sujeito da psicanálise é o sujeito pulsional, possuidor de corpo erógeno, investido libidinalmente pelo outro, fonte de desejo, prazer e dor. Nas palavras de Katia Chérix, o sujeito da psicanálise é aquele cujas:

(...) sensações experimentadas pelo corpo no mundo vão deixando marcas e construindo um esquema corporal. As experiências de prazer e da relação do corpo próprio com o

corpo do outro vão deixando traços na memória construindo uma história deste corpo. Cria-se uma imagem corporal inconsciente que permite um reconhecimento em vários momentos da vida como sendo o mesmo sujeito, como tendo a mesma identidade, mesmo com as modificações do corpo ao longo do tempo (Chérix, 2015, p. 41).

Ali no espelho, onde o sujeito reconhecia sua identidade, surgem rachaduras. Há um novo sujeito na imagem, cabelos brancos, pés de galinhas, mudanças físicas que não passam despercebidas aos olhos do outro, ainda que os traços psíquicos sejam os mesmos. Segundo Altman (2011, p.194), “a velhice é um processo que envolve a maneira como o idoso se vê e se percebe e a maneira como é visto e percebido pelos outros”, dessa maneira, podemos notar como os aspectos individuais e sociais se entrelaçam na maneira como cada um vivenciará o envelhecimento. O olhar do outro que marca a subjetivação continuará acompanhando o sujeito por toda sua vida, portanto, é muito relevante as marcas deixadas na psique pelos atravessamentos culturais, nossas crenças e preconceitos enquanto sociedade.

Para as rugas, cremes anti-idade; para as disfunções sexuais, viagra; para o tempo livre, atividades pré-programadas; para os sintomas, medicina. Para cada ínfimo aparecimento que denuncie o envelhecimento, existe no mercado uma fórmula mágica para apagá-lo. A essa tendência é dado o nome de adultescência, termo que compreende “a eterna busca pela aparência jovem, seja no corpo, seja nas roupas, seja no estilo de vida. Como se o velho só pudesse existir socialmente sob a roupagem de uma juvenilidade mercadológica” (Vilhena, Novaes & Rosa, 2014, p.252). Papalia e Feldman (2009), apontam que em algumas culturas a velhice é tida como a idade da sabedoria, sendo o sujeito idoso alvo de imenso respeito e possuidor de autoridade. Contudo, em nossa sociedade os estereótipos mais consistentes sobre a velhice são de baixo valor e inutilidade, tornando-se auto estereótipos ao longo do envelhecimento. Neste sentido, o que podemos perceber é um apagamento das possibilidades de ser, ainda que velho.

O envelhecer traz conflitos psíquicos no que tange à não correspondência do sujeito do inconsciente, viril em seus desejos e de um corpo que se degenera e impõe limitações ao sujeito. O corpo, que até então fora um instrumento para obtenção de prazer, torna-se um sinal das limitações impostas pela idade. É comum os sentimentos de frustração diante daquilo que se fazia anteriormente e que não pode mais ser feito da mesma maneira. Papalia e Feldman (2009), descrevem as alterações físicas presentes na vida adulta tardia, dando ênfase para patologias que trazem profundo sentimento de mal-estar como a perda de acuidade visual e auditiva, falhas cognitivas como perda de memória ou acometimento por doenças degenerativas, como o Alzheimer. Os autores apontam uma predisposição a doenças coronárias, diminuição do vigor sexual e alertam para o elevado índice de idosos com depressão.

A fim de se reconciliar com esse corpo velho, tão estranho ainda que familiar, o sujeito terá que deslocar a libido de certos ideais narcísicos para outros projetos que propiciem satisfação dentro das possibilidades de seu corpo. Berlinck (2000), compreende a existência de uma passagem da vida adulta para a velhice, nomeada de envelhescência, aproximadamente dos 45 aos 65 anos, assim como na adolescência- transição da infância para a vida adulta. Segundo Chérix (2015), trata-se de um processo fundamental para que o idoso envelheça bem, um momento não só de reavaliação dos ideais que constituem o sujeito, como também um período para que haja reconciliação da imagem de um corpo cujo tempo deixou marcas de sua passagem com um inconsciente atemporal. A concretização da envelhescência propicia ao sujeito enxergar novas possibilidades, caminhos para seu desejo apesar das limitações impostas pela idade. Podemos observar esse aspecto em Ninny e posteriormente nas transformações de Evelyn, que também entra nessa posição ativa da envelhescência. Contudo, a autora salienta que:

Esta possibilidade de reposicionamento subjetivo estaria intimamente ligada com as experiências infantis que definiram os núcleos de personalidade de cada sujeito, seus

mecanismos de defesa, constituição egóica e possibilidade de lidar com perdas e separações, aceitando a realidade e investindo em novos objetos de satisfação. A possibilidade de negociação que cada um tem com o Supra Eu, suas exigências e seus ideais. (Chérix, 2015, p.48).

Novamente, a dimensão subjetiva é ressaltada como um aspecto de primeira ordem no que tange à maneira como cada indivíduo fará sua passagem pela velhice. Logo, podemos entrever que o caminho da psicanálise está relacionado à oferta de um discurso próprio ao sujeito, no qual o mesmo possui impactos positivos no reposicionamento subjetivo.

Dentre as inúmeras formas de tamponamento subjetivo da sociedade contemporânea, não ocorre de maneira diferente quando o assunto é a velhice. O desejo também é constantemente mascarado, encoberto por uma série de sintomas e angústias diante do envelhecer. O silenciamento da velhice corresponde ao silenciamento do desejo. Se o inconsciente não envelhece, ainda há pulsão, como afirma Freud (1905/1996-1915/1969), no limite entre o somático e o psíquico. Se para o somático a medicina tem ofertado inúmeras “soluções”, a psicanálise propõe o desvelamento do desejo como uma possibilidade para o sujeito idoso, esse que é atemporal na linguagem, um sujeito sem idade. A velhice para a psicanálise é considerada como tempo lógico, e não cronológico, respeitando a realidade psíquica pulsional (Soares, 2005). Evelyn consegue ilustrar bem o olhar da psicanálise sobre o envelhecimento.

3. A ótica da psicanálise sobre o processo de tornar-se velho.

Embora Freud não tenha escrito um texto específico sobre a temática relacionada à velhice e ao envelhecimento, nos trabalhos *O método psicanalítico* (1904), *Sobre a psicoterapia* (1905), *A sexualidade na etiologia das neuroses* (1906), *História de uma neurose infantil*

(1918) e *Análise finita e infinita* (1937), o assunto é tratado nas suas reflexões sobre a psicanálise.

Ao discutir *A sexualidade na etiologia das neuroses*, Freud (1906/2016), expressa pessimismo quanto à duração do tratamento para idosos, devido a um excesso de conteúdo acumulado durante a vida, que pode fazer com que a conclusão da análise coincida com uma etapa da vida em que o psiquismo já não é mais valorizado. Em *O Método Psicanalítico* (1904/1995, p. 99), ele destaca as "circunstâncias desfavoráveis para a psicanálise" por volta dos cinquenta anos devido à "coleção de material mental" associada ao longo período de cura, e acrescenta que "as possibilidades de os processos psíquicos encontrarem novos canais começam a paralisar". Em *Sobre a Psicoterapia*, Freud (1905/1996, p. 196), ainda menciona a idade igual ou superior a cinquenta anos como contraindicação ao tratamento analítico, descrevendo a falta de "plasticidade nos processos anímicos sobre os quais se baseia a terapia — os velhos não são mais educáveis" e a duração infinita do tratamento dependente da quantidade de material a ser produzido. No entanto, Freud prevê que suas contraindicações não são definitivas à luz das muitas restrições práticas em sua ação.

Em *A Análise Finita e Infinita* (1937/2017), ao discutir as dificuldades de um processo analítico e seus fatores impeditivos, Freud mostra que o mais poderoso de todos é a pulsão de morte, a responsável em grande parte pela resistência na análise, bem como é a causa suprema do conflito psíquico. Entretanto, o autor chama muito a atenção para os fatores de natureza fisiológica e biológica como, por exemplo, a relativa fraqueza do ego em certos grupos de pacientes, em que há um "esgotamento da esperada plasticidade, da capacidade de mudança e desenvolvimento continuado" (p.347). Desse modo, encontra-se na análise certa quantidade de "inércia psíquica", em que todos os processos mentais, relacionamentos e distribuições de forças são imutáveis, "fixos e rígidos" (p.347), como ocorre "nas pessoas muito velhas, pelo chamado poder do hábito, do esgotamento da capacidade de absorção — uma espécie de

entropia psíquica.” (p. 348) Mas, Freud admite que não tem ainda conhecimento teórico adequado para explicar tal grupo de casos e possivelmente “devem ser consideradas características temporais, alterações de um ritmo de desenvolvimento na vida psíquica ainda não foram consideradas de modo adequado.” (p.348)

Ao trabalhar a força das pulsões, Freud (1937/2017 p. 328) aponta para dois momentos durante o desenvolvimento individual, em que certas pulsões recebem reforços fisiológicos:

na puberdade e por volta da menopausa, nas mulheres. Não nos causaria a menor surpresa se nos deparássemos com pessoas que antes não eram neuróticas e se tornam neuróticas nesses períodos. A domaçaõ das pulsões, que tinha funcionado com uma intensidade menor dessas pulsões, agora fracassa com a sua maior intensidade. Os recalques se comportam como os diques contra a pressão das águas.

Vale notar que Freud afirma uma cristalização dos processos anímicos em seus escritos de 1898 e 1904, que podemos relacionar com uma certa rigidez nos mecanismos defensivos e no funcionamento do ego. Já nos estudos publicados nos anos de 1912 e 1937, Freud considera que há um aumento na excitação pulsional relacionada ao trauma, logo, nota-se que as mesmas tratam de dois componentes distintos de uma mesma engrenagem psíquica, o ego e o id, sustentados pela economia e dinâmica do aparelho psíquico. Assim, podemos conectar esses achados dos escritos freudianos ao conceito de que as mudanças físicas, em conjunto com os eventos contingentes do envelhecimento, impõem uma força traumática ao psiquismo, que serve como impulso para a autotransformação.

Ainda que encontremos nos textos da teoria freudiana elementos que sustentam a ideia de que não existiria análise possível na velhice, devemos ter sempre em nosso horizonte que a psicanálise não é uma teoria completa, já fechada, como o próprio Freud marca que suas recomendações não são definitivas. A psicanálise não busca fornecer uma visão de mundo, mas

se configura como uma teoria que propõe o questionamento enquanto caminho para o aperfeiçoamento da própria práxis e construção da teoria.

Lembremos que o objeto de estudo da Psicanálise é o inconsciente, que é atemporal, e, portanto, a idade de seu portador é pouco significativa para a atuação do analista ou para experiência analítica. Ademais, é importante ressaltar que a expectativa de vida atualmente é muito mais elevada comparada à época dos estudos de Freud. O que ele considerava como idoso, é bem diferente do que observamos nos dias de hoje.

Freud também aproxima o trabalho analítico da ciência, principalmente no que tange à alteração das hipóteses diante da observação. Vejamos:

O progresso, no trabalho científico, ocorre de maneira muito semelhante ao de uma análise. Levamos expectativas para o trabalho, mas temos de refreá-las. Através da observação aprendemos algo novo - ora aqui, ora ali- e inicialmente as peças não encaixam. Estabelecemos hipóteses, fazemos construções auxiliares, que retiramos quando não se confirmam; necessitamos de muita paciência, de prontidão para toda possibilidade, renunciamos convicções prematuras, que nos obrigariam a não enxergar fatores novos e inesperados(...) (Freud, 1937/2017, p. 343).

Assim, é tempo de observar, questionar e reformular. Nos últimos anos tornou-se de extrema relevância debater a questão da velhice, em especial, no ocidente, onde é constantemente negada. Em 2021, a Organização Mundial da Saúde (OMS) sugeriu incluir na nova CID, a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, o termo “velhice”, no lugar de “senilidade”, como categoria patológica, o que gerou muita discussão entre profissionais da área. Essa proposta é contraditória já que a própria OMS incentiva avanços nas políticas de envelhecimento para ressignificar os sentidos da velhice para evitar o etarismo. Entretanto, após pressão social e, no Brasil, do CNS (Conselho Nacional de Saúde), em dezembro do mesmo ano, a OMS recuou e substituiu “senilidade” por

“envelhecimento associado ao declínio da capacidade intrínseca”, na nova CID. (ENSP, 2022) O idoso, que tem ocupado o lugar da rejeição, passa a ocupar também o lugar da enfermidade. A velhice vem sendo rejeitada, recusada, patologizada. E conforme o método analítico, buscaremos falar do indizível, encontrar no discurso “fatores novos e inesperados” que possam nos guiar no caminho da psicanálise em direção a um discurso próprio da velhice.

Para além de Freud, a partir da bibliografia levantada, encontramos que, diferente de outras perspectivas, a psicanálise aponta a singularidade do sujeito. Ao invés do sujeito ser falado (como na medicina), ele fala, e “ao falar, ele produz significado para sua história” (Silva, 2017, p. 12). Isso é muito importante, pois dá a ele uma participação no sofrimento, nas marcas do decorrer desses anos. A clínica com o idoso, possui como foco o que pode ser feito para melhorar a qualidade de vida do sujeito no aqui e agora, e isso pode ser feito a partir do desejo do paciente. Silva (2017, p. 20), acrescenta que “o sujeito procura a análise para manter vivo seu desejo diante de um corpo que regride”. Para possíveis intervenções, “a sublimação torna-se caminho para driblar a pulsão de morte e a inércia psíquica, e daí construindo novos sentidos para o sujeito”.

Para Soares (2005), a velhice é considerada como tempo lógico e não cronológico. A experiência analítica respeita a realidade psíquica pulsional e não material. Altman (2011), reforça que a velhice não precisa ser só uma etapa de perdas, mas sim de produtividade, de aproveitar o tempo livre para usufruir de possíveis potenciais, projetos e criatividade. Portanto, a psicanálise com idosos é possível sim, de um outro lugar, onde são trabalhadas questões atuais, a curto prazo, encontrando maneiras menos dolorosas de se enlaçar na vida e dando novos sentidos a aquilo que não se modifica.

4. O sofrimento diante do envelhecimento

Freud, ao longo de sua obra, desenvolveu a noção metapsicológica do desamparo

(*Hilflosigkeit*), que implica uma *dimensão de desamparo* no psiquismo que diz respeito à *condição de desamparo*, fundante e estruturante do psiquismo, e a *situação de desamparo*, que é a concretização dessa condição, instalada na situação traumática, referente ao excesso pulsional que não pôde ser simbolizado. Essa noção envolve uma problemática de dupla face: uma face erótica e sexual, relacionada à um estado infantil e à sexualidade traumática herdada da mãe (desamparo original); e a face da falta de garantias de ser e existir do sujeito, que para viver em sociedade, é obrigado à uma renúncia pulsional e em consequência disso, experimenta um desconforto, sentido como um *mal-estar*. Portanto, a relação do sujeito com a civilização é marcada por um mal-estar (*Unbehagen*), pois é permeada pelo conflito e a impossibilidade de resolvê-lo totalmente. Esse conflito irremediável é constitutivo da condição subjetiva do humano, sendo o desamparo a base dessa condição (Menezes, 2012). Nesse sentido, as expressões da subjetividade se dão em relação ao mal-estar na cultura.

O desamparo é o motor da edificação da civilização. Os seres humanos erigiram a civilização como forma de “diminuir seu desamparo diante das forças da natureza, dos enigmas da vida e sobretudo da própria morte” (Menezes, 2010, p 115).

Para Freud (1930), o sofrimento que se expressa no mal-estar ameaça os indivíduos a partir de três fontes: (1) a decrepitude do próprio corpo; (2) as forças da natureza com as quais não podemos lidar; e (3) as relações interpessoais, que para o autor é a mais dolorosa de todas. No caso dos idosos, marginalizados na nossa sociedade, o sofrimento está acentuado principalmente pelo seu corpo condenado à decadência, as mudanças nos vínculos sociais e de seu papel não mais essencial no mundo do trabalho.

A arte de viver está numa espécie de “gestão do desamparo” (Birman, 2001; Menezes, 2012), visto que o desamparo é a base de um conflito eterno para o ser humano. Há um duplo enfrentamento do desamparo que têm a ver com os modos de subjetivação de cada indivíduo. É possível aceitá-lo (destinos criativos), em que o sujeito pende mais para o registro da

alteridade (ideal do ego/superego; amor do outro) e é possível negá-lo (destinos funestos), quando o sujeito pende mais para o registro do narcisismo (ego ideal; amor de si), como mostra Menezes (2012). Essas saídas muitas vezes são dificultadas no envelhecimento, principalmente, pela queda do lugar social daquele sujeito.

A *Hilflosigkeit* está ligada ao estado de desamparo psíquico gerador de angústia, e está intimamente ligada às ideias de trauma e perigo (Menezes, 2012). Freud (1923/2010 p. 157) diz que: “A angústia surgiu originalmente como uma reação a um estado de perigo e é reproduzida sempre que um estado dessa espécie se repete”. Para Freud (1926), os perigos são sempre de natureza pulsional, que, para além da ameaça de morte, ameaçam o nosso narcisismo.

Menezes (2010) cita que:

Freud marca a perda do objeto como a condição que determina a situação de desamparo, a situação traumática. Já a situação de perigo constitui uma ameaça de uma situação traumática, isto é, uma expectativa e lembrança da situação de desamparo (*Hilflosigkeit*) (p. 122).

O nascimento é a primeira experiência de angústia, pelo enorme fluxo de excitações libidinais em que o bebê passa, considerado por Freud (1926) uma experiência traumática. Essa angústia é chamada de angústia originária, que dá origem as transformações subsequentes. O nascimento então, é a experiência prototípica da situação traumática e, quando instalada, é chamada de *angústia automática*. Quando o ego (sede da angústia) emite uma resposta à uma ameaça de instalação de uma situação traumática, ele dá o *sinal de angústia*.

Para continuar vivo, o bebê é um ser que necessita dos cuidados do outro, que o ampara e protege do afluxo pulsional com o qual não consegue lidar sozinho. É preciso que haja uma ‘ação específica’ que coloque fim a tensão interna que o infans experimenta. Quando ele percebe que há um objeto externo (mãe) que pode pôr fim à sua situação de perigo, o que anteriormente era temido como perigo, passa da situação econômica da libido para a perda do

objeto. Menezes (2010) diz que é “a ausência da mãe que agora constitui o perigo” e que “os perigos acarretam um valor exagerado ao objeto que passa a ser a única proteção contra toda a situação de desamparo” (p. 122).

Em *Inibições, Sintomas e Angústia* (1926/2014) Freud aponta as transformações dos conteúdos da angústia: perigo do desamparo psíquico (angústia originária); o medo da perda do amor; a angústia de castração; o medo do superego e a angústia de morte, sendo essa última importante para pensarmos o envelhecimento. Para o autor, o medo da morte é “um medo do superego projetado nos poderes do destino” (p.164). Ele diz que:

O medo da morte deve ser considerado análogo ao medo de castração e a situação à qual o ego está reagindo é de ser abandonado pelo superego protetor – os poderes do destino – de modo que ele não dispõe mais de qualquer salvaguarda contra todos os perigos que o cercam. (Freud, 1926/2014 p.153)

Com o fortalecimento do ego, espera-se que as antigas situações de perigo percam tanta importância. Entretanto, é possível que muitas pessoas não consigam superar o medo da perda do objeto. Freud (1926) acrescenta que os conteúdos da situação de perigo e os determinantes da angústia podem permanecer durante toda a vida, expressando-se em períodos posteriores ao esperado, e algumas vezes até simultaneamente. Podemos pensar que o idoso, além de estar angustiado com a própria morte, pode estar expressando outros determinantes de angústia ao mesmo tempo.

No envelhecimento a angústia está exacerbada, pois o sujeito se depara com sua finitude, com as perdas, com o medo do desconhecido, medo da concretização do fim. A única certeza que temos da vida é de que um dia vamos morrer. Contudo, para Freud, não há simbolização da morte no psiquismo.

Tornar-se velho em uma sociedade em que o envelhecer é negado, associado com uma visão derrotista da vida, marcado por impossibilidades e a decrepitude do próprio corpo, traz

consequências psíquicas. O inevitável da morte como gerador de angústia, remete os seres humanos ao seu desamparo fundamental. A posição que o sujeito é submetido a partir da condição de desamparo, diz respeito a um sentimento de incompletude, solidão, perda e finitude.

Frente a esse insuportável da morte, os indivíduos se apegam a crenças religiosas e mecanismos de defesa outros, tal como a negação (Cocentino & Viana, 2011). Entretanto, considerar a morte como algo exterior, longínquo ou como uma tragédia, representa negar a própria condição de mortalidade humana. Negar a morte é também negar o envelhecimento. Na medida em que o processo de envelhecimento decorre, é impreterível que o idoso tome consciência da inevitabilidade da morte, já que sua proximidade é evidenciada pela morte de amigos e familiares (Papalia & Feldman, 2009).

Para Menezes (2012), sobre o desamparo psíquico, há a ideia de uma dependência passiva: estar desamparado é estar 'à mercê de', o que podemos associar à Evelyn, que em um primeiro momento, encontra-se em uma posição de dependência passiva da atenção de seu marido, que não responde às suas tentativas. Apesar de buscar ajuda nos grupos e cursos com outras mulheres, foi a partir de sua vivência com Ninny que ela consegue ressignificar essa posição passiva frente ao outro, como também frente à própria vida. Evelyn, apesar de seu mal-estar, consegue buscar saídas criativas para o enfrentamento do desamparo, passando a uma posição mais ativa, fazendo dela mais autônoma e dona de seus próprios desejos. Vai até um SPA, cuida de seu corpo, consegue um novo emprego como vendedora de cosméticos e até mesmo a relação com seu marido adquire novos contornos. Evelyn encontra uma forma de enfrentar sua angústia de morte, fortalecendo seu ego, simbolizando, dando lugar para sua subjetividade e sua história, a partir de novas possibilidades que autorizam seus desejos, independente do corpo que entra em menopausa, que se degenera e da possibilidade da chegada do fim.

Considerações Finais

Lembremos que o objetivo geral deste trabalho foi investigar como a psicanálise poderia colaborar na compreensão do envelhecimento, a partir do filme *Tomates Verdes Fritos*; e, assim, procurar articular o corpo envelhecido com a noção freudiana de desamparo.

A psicanálise, ao estudar o inconsciente do indivíduo, abre espaço para novos olhares e perspectivas do envelhecimento, para além da medicina e do campo da senilidade, no qual o idoso é colocado em uma posição patológica, intrínseca à velhice. Possibilita pensar no sujeito, nos seus modos de subjetivação e permite que ele possa falar por si, ao invés de ser falado por outro. Pudemos caracterizar o sujeito da velhice como pulsional, possuidor de desejos e de um inconsciente atemporal.

Vimos que é importante entender a diferença entre a velhice e o envelhecimento. A velhice é compreendida como uma etapa vivenciada a partir do envelhecimento, sendo carregada de características subjetivas e sociais, um “desencontro que convoca o sujeito a um reposicionamento diante da sua existência” (Silva, 2017). Já o envelhecimento é um processo em que se observa a passagem do tempo real no corpo, de forma biológica e cronológica. Por outro lado, a envelhescência sendo a passagem da vida adulta para a velhice, como ato de subjetivação, de reconhecimento e pertencimento da sua própria história.

Evelyn, motor de nossos estudos, serviu para ilustrarmos um sujeito na envelhescência, visto que ela está passando pelas primeiras mudanças do envelhecimento e ainda não é considerada uma idosa. Seu caso foi imprescindível para mostrarmos também, sua posição inicial de negação do desamparo, em que ela dependia do seu marido e posteriormente, a aceitação de que ela não é um ser onipotente, que precisa lidar com a castração e buscar outros destinos para essa condição. Apesar do corpo envelhecido, é possível fazer essa gestão do desamparo.

No decorrer da pesquisa, foi possível verificar que, uma das primeiras contribuições de Freud para o tema, foi a dificuldade de análise com os idosos, por encontrarmos certa inércia psíquica e baixa plasticidade nesses sujeitos. Contudo, no contexto de sua obra, é possível inferir que o pai da psicanálise deixa em aberto a possibilidade do tratamento com eles, o que vem ao encontro da clínica contemporânea, já que a bibliografia pertinente atual, abre espaço para esta clínica. O idoso procura a análise para se sustentar como sujeito desejante frente ao corpo biológico que está em declínio. Então, vimos que o trabalho analítico com idosos é sim possível e a importância dele para dar lugar e escuta para esse sujeito, dar novos destinos para as pulsões e construir novos contornos para sua vida.

Nos valemos das palavras de Mucida (2010, p. 33), que menciona em seus estudos que “não há outra saída senão recomeçar”. É fundamental que diante a angústia do envelhecimento, a velhice não se torne um obstáculo para deixar o desejo de lado, mas que seja um ponto de reordenação. Desse modo, é tarefa da velhice que o sujeito encontre meios de continuar escrevendo a vida, em detrimento de inibição, recolhimento ou procrastinação. Mucida (2010) nos indica que o único remédio para a angústia é manter vivo o desejo, tornando-se capaz de sustentá-lo em sua incompletude, suportando a falta de tempo, a visão que falha, a coordenação motora que perde a fineza dos movimentos.

O processo analítico é uma saída possível frente ao enigma do próprio desejo. Um sujeito em análise poderá sustentar uma escrita de sua história, sem que esse livro tenha fim. Haverá sempre um capítulo de desconhecimento a ser desvelado por aquele que é escritor e leitor do seu próprio enredo. As respostas são as mais particulares de que se tem notícia, cada um possui um estilo próprio para narrar sua existência, tecer com os fios do tempo, uma roupa para si.

Vimos que há pouco material psicanalítico sobre o tema do envelhecimento. Tememos o perigo do engessamento de uma só ideia, por não encontrarmos novas visões, principalmente

atuais, sobre o tema. Quando a OMS cogitou a possibilidade de incluir a “velhice” como categoria psicopatológica no CID atual, foi fundamental o surgimento de discussões em outras perspectivas além da medicina. Percebemos que, no contexto social contemporâneo, muitas vezes o sujeito torna-se o diagnóstico, e o trabalho psicanalítico estimula justamente o contrário, ou seja, subjetivar para mais de um simples diagnóstico. Por isso, essa temática merece maior investigação e certamente deve ser pauta de novas pesquisas.

Referências

- Altman, M. (2011). *O envelhecimento à luz da psicanálise*. *Jornal de Psicanálise*, 44(80), 193-206. Recuperado em 08 de maio de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352011000100016&lng=pt&tlng=pt.
- Berlinck, M. T. A envelhescência. *Psicopatologia Fundamental*, p. 193-198.
- Birman, J. (2001). Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. *Psychê: Revista de Psicanálise*, p. 185-189.
- Cherix, K. (2015). *Corpo e envelhecimento: uma perspectiva psicanalítica*. *Revista da SBPH*, 18(1), 39-51. Recuperado em 08 de maio de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582015000100003&lng=pt&tlng=pt.
- Cocentino, J. M. B., & Viana, T. de C. (2011). A velhice e a morte: reflexões sobre o processo de luto. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(3), 591-599. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232011000300018>
- Escola Nacional de Saúde Pública. (2022, 25 de fevereiro). *Proposta contraditória da OMS não inclui “velhice” na nova classificação de doenças*. Recuperado de <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/52800>
- Freud, S. (1904[1903]). *O Método Psicanalítico*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1a. edição. (1995)
- Freud, S. (1905). *Sobre a psicoterapia*. *Obras completas*, 7, 243-258. Rio de Janeiro: Imago. (1996)
- Freud, S. (1906). *A sexualidade na etiologia das neuroses*. In: S. Freud. *Obras Completas*, Vol. 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria

- ("O caso Dora") e outros textos. Tradução: Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. (2016).
- Freud, S. (1907). *O chiste e sua relação com o inconsciente*. In *Obras Completas* (Vol. 7). São Paulo: Companhia das Letras. (2017).
- Freud, S. (1915). *As características especiais do sistema inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago. (1969a).
- Freud, S. (1919). *História de uma neurose infantil: (O homem dos lobos)*. Rio de Janeiro: Imago. (1999)
- Freud, S. (1919). *O inquietante*. In *Obras Completas* (Vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras. (2010).
- Freud, S. (1923). *Sigmund Freud Obras Completas: o eu e o id, "autobiografia" e outros textos* (2010). Tradução: Paulo César de Souza. In S. Freud, *Obras Completas*, v.16. São Paulo: Companhia das Letras: 2011. v. 16.
- Freud, S. (1925[1924]) *Uma breve descrição da Psicanálise*. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. 19). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1926) *Psicanálise*. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. 20). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1926). *Psicanálise*. Tradução: Paulo César de Souza. In *Inibição, Sintoma e Angústia, O Futuro de Uma Ilusão e Outros Textos. (1926-1929)* In S. Freud, *Obras Completas*, v. 17 (p.311-321). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- Freud, S. (1926a) *A questão da análise leiga: conversações com um pessoal imparcial*. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. 20). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1928). *O humor* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1930). *O mal-estar na civilização*. In S. Freud. Obras completas (Vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (2010).
- Freud, S. (1933). *Acerca de uma visão de mundo*. In S. Freud. Obras completas (Vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (2010).
- Freud, S. (1937). *Análise finita e infinita*. In S. Freud. Obras Inompletas (Vol. 6). São Paulo: Autêntica. (2017).
- Freud, S. (1950). *Dois Verbetes de Enciclopédia*. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. 18). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1923[1922])
- Herrmann, L. (2005). *Introdução à teoria dos campos: conceitos metodológicos*. A Psicanálise e a clínica extensa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 33-39.
- Iribarry, I. N. *O que é pesquisa psicanalítica?* Agora v. VI n. 1, 115-138 (2003).
- Laplanche, J. (1992) *Novos fundamentos para psicanálise*. São Paulo, SP: Martins fontes.
- Menezes, L. S. de (2010). *Um olhar psicanalítico sobre a precarização do trabalho: desamparo, pulsão de domínio e servidão*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.47.2010.tde-19102010-120022.
- Menezes, L. S. de (2012). *Desamparo*. (2ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mucida, A. *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. Belo Horizonte: Autêntica; 2006.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- Rosa, C. M., & de Vilhena, J. (2016). O silenciamento da velhice: apagamento social e processos de subjetivação. *Revista Subjetividades*, 16(2), 9-19.
<https://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.2.9-19>
- Rosa, M. D. (2004) A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista mal estar e subjetividade* (vol.4), p.329-48.

- Rosa, M. D., & Domingues, E. (2010) O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*; 22 (1):180-188.
- Soares, F. M. de P. (2005). O conceito de velhice: da gerontologia à psicopatologia fundamental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 8(1), 86-95. <https://doi.org/10.1590/1415-47142005001009>
- Silva, J. M. (2017). *A clínica psicanalítica do envelhecimento e suas particularidades*. São Paulo: Chiado Editora;
- Vilhena, J. D., Novaes, J. D. V., & Rosa, C. M. (2014). A sombra de um corpo que se anuncia: corpo, imagem e envelhecimento. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17, 251-264. <https://doi.org/10.1590/1984-0381v17n2a08>